

**TOPICALIZAÇÃO V2 NA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CLÁSSICO:
MUDANÇAS NA DIACRONIA**

Alba Verona Brito GIBRAIL¹

ABSTRACT: This paper presents the result of an investigation about the use of objects in the topic position in Classical Portuguese. The result shows a V2 grammar licensing different forms of this phenomenon. In these V2-structures, the constituent in topic position is presented in Clitic Left Dislocation and Topicalization structures. In both cases, it is an adjunct or a fronted element. There are, however, diachronic changes in the frequency of the use of these sentences and in their structural configurations. These structural changes are triggered by a grammatical change developed in Classical Portuguese.

Introdução

Dados levantados de textos de autores portugueses que compõem o Corpus Tycho Brahe² revelam que o português clássico faz uso recorrente de estruturas de topicalização. Objetos e/ou outros constituintes da oração são licenciados em posição de tópico em sentenças de ordens superficiais variantes no que diz respeito à posição pré-verbal de sua realização e à disposição estrutural do sujeito e do clítico nessas construções. Nas várias formas de manifestação desse fenômeno, os dados mostram haver tendência maior de sua realização em orações com o verbo flexionado em segunda posição, sujeito lexical em posição pós-verbal e clítico disposto em próclise; condições estruturais estas que refletem a atuação de uma gramática de natureza V2 nessas produções.

Em se tratando de objetos em posição de tópico, a pesquisa mostra que o português clássico licencia sentenças de ordem V2 com objetos em posição de tópico em duas formas estruturais diferentes: na forma com retomada de clítico e na forma de topicalização propriamente dita. Diferentemente do comportamento mostrado por outras gramáticas no licenciamento das estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica (DEC), como o português europeu (cf. Duarte, 1987) e gramáticas românicas medievais (cf. Benincà, 2004), que restringem o licenciamento dessas estruturas com clítico em

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: avbgibrail@uol.com.br.

² O Corpus Histórico do Português Tycho Brahe é um corpus eletrônico anotado, composto de textos portugueses escritos entre os séculos 16 e 19. Seu desenvolvimento é parte do Projeto Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística, financiado pela FAPESP e dirigido pela prof^a D^{ra} Charlotte Marie C. Galves. O acesso a este Corpus pode ser feito através do endereço : www.ime.usp.br/~tycho/corpus.

posição de ênclise, o português clássico legitima esse tipo de ocorrência em sentenças com clítico disposto em próclise:

(1) *Aos Turcos lhes* peizou muito da morte de Dom Christovão, (CTB-C_007-1542-1606)

e sentenças com clítico disposto em ênclise:

(2) *E isto sabe-o* Deos e sabe-o Roma, que se eu nella quisera morar, porventura não me faltava possibilidade, assi por mi mesmo como por favor de principaes pessoas em casa do papa. (CTB-H_001-1517-1584)

Os dados indicam, entretanto, haver restrição de licenciamento dessas estruturas com ênclise. Nessas construções, o uso da ênclise está atrelado a contextos específicos, entre eles, ambientes sintáticos de estruturas paralelísticas e/ou verbos não-flexionados.

Um comportamento diferente é mostrado no licenciamento de objetos em estruturas de topicalização propriamente dita em sentenças com clítico. Nessas ocorrências, o uso da próclise é generalizado:

(3) *Isto nos* afirmou muito um homem Polaco, chamado Gabriel, (CTB- C_007-1542-1606)

Nas ocorrências de topicalização de outros constituintes da oração, em sentenças com clítico, a frequência dessas estruturas com próclise é maior do que a frequência da forma com ênclise, estando esta forma também atrelada a contextos específicos, entre eles, contextos de clítico com o estatuto de pronome possessivo, do pronome *se* reflexivo e/ou inerente; a ambientes de paralelismo sintático e verbos não-flexionados:

(4) *Neste tempo me* cercaraõ ja outros quinze ou vinte daquelles armados, & me tiveram todos fechados no meyo: (CTB-P_001- 1510-1583)

Por outro lado, a ocorrência em (2), com uso da ênclise, assegura que o elemento em posição de tópico é realizado em posição de adjunção a Comp, sendo o verbo o primeiro elemento da oração, em conformidade com a proposta de Galves; Britto e Paixão de Sousa, citada acima.

A realização dessas construções com elementos topicalizados em posições estruturais distintas, indica que o português clássico licencia constituintes pré-verbais de naturezas diferentes. Nas estruturas de topicalização-V2, o constituinte em posição pré-verbal é um elemento fronteado; nas estruturas V1 com ênclise, o elemento topicalizado é um adjunto. A posição de realização do clítico define a natureza dos elementos topicalizados nas sentenças de ordem V3. Nessas ocorrências, um outro constituinte da oração é realizado entre o constituinte em posição de tópico e o verbo.

Nas formulações de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), assentadas na restrição da Lei Tobler-Mussafia,³ a disposição do clítico nas sentenças do português clássico define a posição estrutural de realização do constituinte em posição pré-verbal. A presença da próclise assinala que o constituinte em posição pré-verbal está inserido na estrutura prosódica da oração, na condição de elemento frontado; a presença da ênclise nessas estruturas indica que o constituinte que antecede o verbo é realizado em posição anterior a essa fronteira, na condição de elemento em adjunção. Dessa forma, proponho que nas ocorrências (1), (3) e (4), o constituinte em posição de tópico é realizado dentro da estrutura prosódica da oração, na condição de elemento frontado. Nessas construções, a ordem V2 é assegurada. Assumo serem essas construções instancizações de topicalização-V2, nos moldes de Ribeiro (1995) para o português antigo.

Por outro lado, a ocorrência em (2), com uso da ênclise, assegura que o elemento em posição de tópico é realizado em posição de adjunção a Comp, sendo o verbo o primeiro elemento da oração.

(5) a. *Esta deferença vos a conheçereis e sabereis mui bem fazer, no modo que se deve e que eu seja de vos mui bem servido.* (CTB -D_ 001- 1502-1557)

b. *Mas o corpo do homem d'esta arte o compo a natureza* (CTB -D_ 001- 1502-1557)

c. *Sobre aquilo do convento, cedo nos veremos e então falaremos* (CTB-C_003-1631-1682)

Tomando a ordem V2 como ordem padrão na formação das estruturas de topicalização do português clássico, proponho que, nas ocorrências em (5), com ordem superficial V3, o elemento que precede imediatamente o verbo está inserido na estrutura da oração; sendo o elemento em posição mais alta, à esquerda, realizado em posição anterior a Comp, na condição de um adjunto. Nessas sentenças, a ordem subjacente V2 é garantida pelo elemento frontado que precede imediatamente o verbo.

A questão que se impõe nesta pesquisa é justificar, nas bases dessa proposta, a natureza do elemento em posição pré-verbal nas sentenças de ordem XV(S) sem clítico, tendo em conta que é nessa configuração que os dados dos autores nascidos nos séculos 16 e 17 apresentam maior número de ocorrências.

(6) a. *A gloria do desenho e perfil ou traço concederão os antigos a Parrhasio,*(CTB-H_001- 1517-1584)

b. *Com este recado despedio Martim Affonso de Mello Juzarte, logo Belchior de Sousa, homem Fidalgo, e bom Cavaleiro, com setenta portugueses pera se ir meter naquela fortaleza.*(CTB-C_007-1542-1606)

³ Lei Tobler-Mussafia: generalização proposta em 1875 por Alfred Tobler ao observar que as línguas neo-latinas medievais não apresentam elementos átonos em início da frase. A “lei Tobler-Mussafia” remete ao fato de não se atestarem, nas línguas antigas, sentenças com verbo em primeira posição (Paixão de Sousa, 2004: 26). Esta generalização estabelece que um clítico não pode ser o primeiro constituinte da oração nas línguas românicas medievais (Galves; Britto e Paixão de Sousa, 2005:13).

Neste artigo, exponho o resultado alcançado no estágio atual da pesquisa. De modo

geral, este resultado preliminar mostra haver mudança de comportamento diacrônico no licenciamento das estruturas de topicalização e Deslocada à Esquerda Clítica, no que diz respeito à frequência de uso dessas sentenças, à ordem de disposição estrutural do clítico e do sujeito e à natureza do constituinte em posição de tópico; mudanças essas que se conformam com a proposta de Galves e Galves (1995) e Galves; Britto e Paixão de Sousa (Ibidem, p.1) da mudança gramatical em curso no português do século 18. Com o propósito de mostrar o comportamento da gramática do português clássico no licenciamento dessas estruturas e as mudanças processadas ao longo ao longo dos séculos, desenvolvo o artigo em uma única seção, apresentando o resultado alcançado na quantificação dos dados, acrescentado de algumas considerações que faço a respeito dos fatos relevantes ressaltados na investigação.

Resultado alcançado

Para a realização deste trabalho, levantei dados de trinta e oito textos de autores portugueses nascidos entre 1502-1845, formadores do Corpus Tycho Brahe. Descrevi e quantifiquei 4.936 ocorrências de estruturas de topicalização e 190 ocorrências de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica, licenciadas em orações coordenadas, principais e subordinadas; levando em consideração também orações com estruturas de redobro de clítico pronominal em posição pré-verbal. Não incluí, na quantificação desses dados, as ocorrências que licenciam objetos deslocados em orações relativas, orações com verbos causativos e em estruturas mais complexas, que apresentam o sujeito *e/ou* o objeto da oração subordinada em posição de tópico da oração principal. Não considere, neste estágio da pesquisa, as construções de topicalização com o pronome *se* nas sentenças com verbo passivo e sentenças com sujeito indeterminado. Nesta tarefa, não apresento resultados da quantificação de dados individuais, mas sim, dos dados em conjunto, agrupados em quatro períodos, de acordo com a ordem cronológica da data de nascimento dos autores. O primeiro período consiste no resultado da quantificação dos dados dos autores nascidos entre 1502-1597; o segundo indica o resultado obtido nos dados dos autores nascidos entre 1601-1695; o terceiro, dos autores nascidos entre 1702-1750 e o quarto, dos autores nascidos entre 1757-1845.

Na descrição dos dados, adotei como ambientes categóricos de próclise os mesmos contextos observados por Martins (1994) e Ribeiro (1995) para o português antigo; Paixão de Sousa (2004); Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) para o português dos séculos 16 e 17 e Barbosa (2000), para o português europeu: o verbo da estrutura oracional precedido de quantificadores (*alguém, ninguém, muito, pouco*), partículas focalizadoras (*só, até*), advérbios modais (*bem, mal, já, também*), advérbios de negação (*não, nunca, jamais*).

De modo geral, o resultado da pesquisa revela mudanças de comportamento no uso das estruturas de topicalização e Deslocada à Esquerda Clítica ao longo dos séculos. O primeiro fato mostrado na descrição dos dados é a tendência de uso maior de estruturas

de topicalização em sentenças com o verbo realizado em segunda posição nos quatro períodos definidos, conforme é assinalado na tabela a seguir.

Tabela. Ordens superficiais das sentenças com elementos em posição de tópico

	1502-1597	1601-1695	1702-1750	1757-1845
Ordem XV	83,4	77,4	74,8	73,5
Ordem XXV	15	20,2	20,3	18,9
Ordem XXXV	1,6	2,4	4,9	7,6

O resultado mostrado nesta tabela indica que as estruturas de topicalização em sentenças de ordem superficial XV são as que têm uso mais freqüente nos quatro períodos. Com respeito à freqüência elevada de sua realização nos textos dos autores nascidos a partir da segunda metade do século 18, a descrição dos dados revela haver também mudanças na configuração estrutural de licenciamento dessas orações, especificamente, em relação à posição de realização do sujeito e do clítico. Nesta perspectiva, a realização dessas estruturas nos dados dos autores nascidos a partir de 1757 implica em construções envolvidas no processo de mudança gramatical, sendo elas, portanto, de natureza diferente das estruturas de topicalização de ordem XV(S), licenciadas nos textos dos autores nascidos nos períodos precedentes. Embora o resultado indique uso maior de sentenças com sujeito em posição pós-verbal nos quatro períodos, aumenta, por outro lado, a tendência de uso dessas estruturas com sujeito em posição pré-verbal com verbos transitivos. A freqüência elevada de estruturas de topicalização com sujeito pós-verbal nos dados dos autores nascidos a partir do século 18 fica por conta das sentenças com verbos intransitivos e inacusativos.

Nos períodos precedentes, dentro da hipótese que estou assumindo, a posição de realização do clítico em ambientes não categóricos de próclise define a natureza do elemento em posição de tópico e, conseqüentemente, a ordem subjacente dessas construções. Outros fatores, observados no nível estrutural dessas sentenças, aliados à condição de haver freqüência maior de realização do sujeito em posição pós-verbal e do clítico em forma de próclise, definem a natureza V2 das estruturas de topicalização do português clássico. Entre esses fatores, está a própria natureza do elemento topicalizado. Nos textos dos autores nascidos entre 1502-1750, há maior variação na natureza do elemento em posição de tópico. Há uso recorrente, nesses textos, de topicalização de partes de sintagmas cindidos, especificamente, de sujeitos de mini-oração em sentenças com verbo transitivo e/ou de predicados dessas construções, em sentenças com verbo intransitivo. Na condição de sintagmas cindidos, há também licenciamento de topicalização de complemento nominal de núcleos de objetos.

Nessa configuração, os dados desses autores registram, com regular freqüência, a topicalização de partes de sintagmas cindidos. Nos dados dos autores nascidos a partir da segunda metade do século 18, uma acentuada mudança de comportamento é assinalada nesse contexto. Seus dados indicam restrição de uso dessas formas de topicalização. De modo geral, nos textos desses autores, as estruturas de topicalização apresentam formas mais restritas no que diz respeito à natureza do constituinte em posição de tópico. Colocando à parte a topicalização de objetos, os elementos adverbiais são os constituintes de uso mais freqüente no licenciamento dessas construções. Estes fatos evidenciam a participação de gramáticas diferentes na formação dessas estruturas.

Por outro lado, as condições sintáticas envolvidas no licenciamento das topicalizações de constituintes mais diversificados do português clássico, mostradas no resultado da pesquisa, impõem a atuação de uma gramática que autoriza a subida do verbo para uma posição na estrutura mais alta que IP.

Referências Bibliográficas:

- BARBOSA, P. (1996) "Clitic placement in European Portuguese and the position of subjects". In: A HALPERN and A. M. ZWICKY (orgs.) *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. CSLI Publications, Stanford. p. 1-40.
- BENINCÁ, P. (2004). "The left periphery of medieval romance". Ms. Disponível em: <<http://www.humet.unipi.it/slifo/2004vol2/Beninca2>>. Acesso: 20 out. 2006.
- DUARTE, M. I. (1987). *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- GALVES, A. & GALVES, C. (1995) "A case study of prosody driven language change: from CIP to EP". Ms. UNICAMP-USP.
- GALVES, C.; BRITTO, H. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2005) "The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus". Ms. UNICAMP.
- MARTINS, A. M. (1994). *Clíticos na história do português*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2004). *Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- RIBEIRO, I. M. O. (1995). *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.